Revista Espaço Acadêmico, nº 97, junho de 2009
http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/index

Revisitando o método etnográfico: contribuições para a narrativa antropológica

Giselle Carino Lage*

Apresento, a seguir, alguns dos significados atribuídos ao conceito de etnografia buscando pensar nos modos como a etnografia se consolidou como um instrumento de pesquisa e de narrativa para antropologia moderna. Quais são as principais questões metodológicas sobre a prática etnográfica salientadas por Malinowski? Como se constitui a relação entre o trabalho de campo e a etnografia? Como os antropólogos concebem a etnografia e como articulam as tensões entre: a descrição e a análise, a tradução e a interpretação, o particular e o geral?

Para pensar sobre tais questões, descrevo as principais questões introduzidas por Malinowski (1976) sobre o objeto e o método de pesquisa antropológico tendo como referência o trabalho etnográfico realizado entre os trobriandeses: "Os Argonautas do Pacífico Ocidental". Em seguida, apresento uma tentativa de diálogo entre Malinowski, Mauss, Lévi-Strauss, Firth e Geertz. Procuro, assim, contribuir para uma interlocução entre os autores que se tornaram clássicos para a história da antropologia, tendo como eixo norteador o debate sobre a elaboração da etnografia e o "fazer antropológico".

"Os Argonautas do Pacífico Ocidental"

Quando a pesquisa de campo intensiva de Malinowski foi realizada nas Ilhas Trobriand, no início do século XX, a etnografia ainda não havia se consolidado como uma importante ferramenta de trabalho para os antropólogos. Malinowski (1976), na introdução de "Os Argonautas do Pacífico Ocidental", apresenta uma preocupação em detalhar os princípios fundamentais que compõe o método de pesquisa da antropologia moderna.

Para compreender melhor os objetivos de Malinowski (1976), é preciso uma observação mais apurada sobre os diferentes caminhos propostos por ele para a pesquisa etnográfica. O primeiro refere-se à busca pela organização da tribo e pela anatomia de sua cultura, que devem ser delineadas através do método da documentação concreta e estatística, já que o objetivo fundamental da pesquisa de campo é delinear o esquema básico da vida tribal. Por isso, torna-se importante observar todos os aspectos da cultura nativa e anotar o maior número possível de manifestações concretas do que é observado em um diário de campo.

O segundo caminho completa o primeiro, ao tratar dos *imponderáveis* da vida real, referido aos fenômenos cotidianos que devem ser observados por meio do acompanhamento contínuo da tribo. Assim, os diversos tipos de comportamentos podem ser coletados através de observações detalhadas e minuciosas, possibilitadas apenas pelo contato íntimo com a vida nativa.

---

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/IFCS/UFRJ), cuja linha de pesquisa se insere no estudo da Produção e dos Efeitos das Desigualdades Sociais. Bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O terceiro passo é denominado de *corpus inscriptionum*, referido à coleta de narrativas típicas, palavras e expressões características da mentalidade nativa que contribuem para a compreensão da sua visão de mundo. Assim, para além do *esqueleto* da vida nativa, composto pelo *corpo e sangue* da tribo, ou melhor, pelas descrições das manifestações, comportamentos e costumes habituais, o antropólogo deve ser capaz de apreender o seu *espírito*, ou seja, o ponto de vista nativo. Procurando descobrir os modos de pensar e sentir típicos à cultura estudada.

A partir da aplicação prática destes princípios, Malinowski rompe com uma “antropologia de gabinete[1]” e inaugura um novo estilo de pesquisa pautado em um constante diálogo entre a observação participante e as descrições etnográficas. O método proposto por Malinowski compreende uma investigação aprofundada da vida nativa de modo que o etnógrafo possa compreender a organização social da vida tribal, sintetizados através da compreensão do ponto de vista nativo. A importância da obra de Malinowski fica explicitada, portanto, em seu trabalho monográfico, onde estão expressas as possibilidades interpretativas suscitadas pelo método etnográfico.

Os nativos do extremo leste da Nova Guiné são descritos como navegadores bravos que atravessam rotas comerciais bem definidas para negociação de materiais de diversos tipos e valores, a fim de estabelecerem a troca cerimonial de colares e braceletes, que caracteriza o *kula*. A troca assume um caráter intertribal, restringindo a circulação dos objetos, que segue uma série de regras e convenções, abarcando um conjunto de atividades inter-relacionadas de modo a formar um todo orgânico. O *Kula* estabelece uma parceria entre os indivíduos que participam das trocas, assumindo um *status* fixo permanente, na medida em que estabelece entre os parceiros uma série de deveres e obrigações recíprocas.

Malinowski explica a vida nativa através da concepção, extraída de sua própria experiência de campo. O *kula* se apresenta como um empreendimento econômico cuja importância teórica e empírica está em sua capacidade de sintetizar e expressar o código cultural. Sua eficácia está relacionada ao estabelecimento de trocas incessantes que se relacionam a outros aspectos fundamentais da vida social que funcionam de modo integrado, como: magia, religião, cultura material, parentesco e organização social.

O *kula* é um empreendimento que produz a circulação de um conjunto de valores, materiais e relações que interligam os indivíduos participantes em torno deles mesmos, em nome de necessidades precisas. O *kula,* este sistema de prestações e contraprestações, é tomado como eixo central para a descrição de Malinowski sobre as instituições que fazem parte da totalidade cultural trobriandesa.

A consolidação da etnografia e os debates suscitados

Mauss (1971) se aproxima da discussão metodológica iniciada por Malinowski ao destacar que a ciência etnológica apresenta como fim a observação das sociedades e como objeto o conhecimento dos fatos sociais. O antropólogo deve deixar sua intuição em segundo plano e procurar trabalhar com a análise de dados, exercitando suas habilidades de cartógrafo, estatístico, historiador e romancista, já que não se espera dele

[1] Segundo Peirano (1995), o “antropólogo de gabinete ou de varanda” sentava-se a uma mesa, geralmente na varanda da casa de um oficial ou missionário, e convocava os nativos para lhe fornecer as informações investigadas.

apenas uma descrição, mas uma análise profunda sobre os fatos observados e a compreensão de diversos aspectos da vida social.

Lévi-Strauss (1975), numa tentativa semelhante à de Mauss de travar um debate sobre o método de observação e investigação antropológica, destaca que a etnografia consiste na observação e na análise dos grupos humanos em suas particularidades a fim de reconstituir fielmente a vida de cada um deles. O conhecimento dos fatos sociais só é possível a partir de uma investigação concreta e minuciosa dos grupos sociais, contextualizados em seu tempo e espaço, a fim de se alcançar as estruturas mais inconscientes do pensamento humano. Segundo Lévi-Strauss (1975), o inconsciente possui função simbólica, por estar sujeito às leis que estruturam a sociedade e por produzir símbolos que são eficazes por ordenarem a estrutura do pensamento simbólico.

A experiência etnológica de Lévi-Strauss (2005) revelou que o antropólogo é aquele que procura conhecer o grupo pesquisado de um ponto de vista elevado e afastado, independente das contingências particulares desta sociedade. A etnografia corresponde aos métodos e as técnicas que se relacionam com: o trabalho de campo, a descrição e a análise dos fenômenos culturais particulares.

Por mais que Malinowski tenha sido reconhecido pela sistematização metodológica e por salientar que os dados coletados deveriam ser registrados em um diário de campo para que o material pudesse ser rememorado, a publicação do seu diário íntimo, após a sua morte, gerou algumas polêmicas. Para além dos comentários sobre a antipatia pelos nativos ou pela hipocondria de Malinowski, o diário revelou que por trás da objetividade buscada pela pesquisa antropológica, há a influência direta da subjetividade do pesquisador no convívio com os "outros" e no olhar que é lançado sobre eles.

Na segunda introdução ao diário, Firth (1997) apresenta um balanço do seu impacto sobre o pensamento antropológico destacando que esta publicação se tornou uma contribuição altamente significativa para o debate sobre a posição assumida pelo pesquisador que vivencia uma situação social dinâmica e que é, ao mesmo tempo, afetado por ela.

A publicação do diário íntimo de Malinowski foi percebida por Geertz (2001) como uma forma de se questionar o mito do pesquisador que se adapta perfeitamente ao ambiente exótico: "como é possível que os antropólogos cheguem a conhecer a maneira como um nativo pensa, sente e percebe o mundo? (GEERTZ, 2001, p.86)."

A estratégia de Geertz para responder a esta questão está relacionada à constante busca antropológica para se enxergar o mundo segundo o ponto de vista nativo. Segundo o autor, através da captura de conceitos que são como "experiências próximas" para outros indivíduos poder-se-ia tentar esclarecê-los a fim de articulá-los aos conceitos de "experiência distante", que são criados teoricamente para a compreensão da vida social.

Neste sentido, Geertz acredita que o antropólogo deve descobrir os significados atribuídos pelos nativos as suas práticas e representações. Tarefa esta dificultada pelo fator de o etnógrafo só captar parcialmente o que os outros percebem, por isso deve haver uma constante busca de entendimento das categorias nativas e uma articulação com os conceitos criados cientificamente.

Geertz, ao destacar a importância da análise das formas simbólicas ratifica a proposta de Malinowski de compreensão do mundo nativo em seus próprios termos. Mas, se

diferencia, ao considerar a cultura não apenas em termos de uma totalidade que pode ser investigada em seus múltiplos aspectos.

Segundo Geertz (1989), a cultura é como uma teia de significados construída pelos próprios homens, de modo que a antropologia apresenta-se como uma ciência interpretativa que está à busca destes significados. Para que esta análise seja possível, o antropólogo deve ter em mente que o objeto da etnografia é uma hierarquia estratificada de estruturas significantes, de tal modo, que as diversas situações e relações sociais devam ser percebidas e interpretadas.

A etnografia é considerada uma descrição densa por englobar uma multiplicidade de estruturas complexas que o antropólogo deve apreender e apresentar. De acordo com Geertz (1989), fazer etnografia é como "construir uma leitura" de um manuscrito estranho, que possui incoerências e exemplos transitórios. Após a investigação do universo pesquisado, o antropólogo sistematiza as informações coletadas sobre os informantes, de modo que os textos finais não são mais do que interpretações de "segunda e terceira mão", pois somente um nativo seria capaz de interpretar a sua cultura em "primeira mão". São, portanto, ficções, por serem construídas pelo antropólogo.

A tarefa do pesquisador é dupla, pois envolve tanto a descoberta das estruturas conceituais que informam os atos e os discursos sociais dos sujeitos como engloba a elaboração de um sistema de análise capaz de interpretar as informações obtidas. A interpretação dos sistemas simbólicos dos nativos é um elemento central para a produção etnográfica, dada a complexidade que os sujeitos apresentam, na medida em que inventam e renegociam os papéis que desempenham em sua cultura. Assim, a descrição etnográfica apresenta como princípio a interpretação dos discursos sociais e a análise dos mesmos.

As discussões aqui tratadas referem-se a problemas epistemológicos e metodológicos sobre a prática antropológica e as formas como o conhecimento sobre os fenômenos sociais são produzidos. A etnografia, apesar das controvérsias apontadas pelos diferentes autores, apresenta-se como uma forma específica de construção de uma narrativa sobre o grupo social pesquisado. Além disso, o texto etnográfico parece refletir um esforço intelectual do antropólogo em atribuir significação às representações e práticas nativas.

Referências

Firth, R. Introdução a segunda edição. In: Malinowski, B. *Um diário no sentido estrito do termo.* Rio de Janeiro: Record, p. 15-23 e p. 25-35, 1997.

Geertz, C. *Obras e vidas. O antropólogo como autor.* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

_________. Do ponto de vista de nativo: a natureza do pensamento antropológico. In: *O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa.* Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, p. 85-107, 2001.

_________. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: *A Interpretação das Culturas.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 13-41, 1989.

Malinowski, B. Objeto, Método e alcance desta pesquisa. In: *Os Argonautas do Pacífico Ocidental. Malinowski, Coleção Os Pensadores.* São Paulo: Abril Cultural, 1976.

_________. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental. Malinowski, Coleção Os Pensadores.* São Paulo: Abril Cultural, 1976.

_________. *Um Diário no Sentido Estrito do Termo.* Rio de Janeiro: Record, 1997.

Mauss, M. Advertencias preliminaries e Metodos de observacion. In: *Manuel d'Ethnographie*: Paris, Payot, p. 11-16 e p. 19-30, 1971.

Lévi-Strauss, C. Como nasce um etnógrafo. In: *Tristes Trópicos.* São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_________. *Antropologia estrutural I.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

Peirano, M. *A Favor da Etnografia.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.